

DIÁRIO DE BORDO

HORA DE MOSTRAR A VERDADE

ROBERTO RODRIGUES

Coordenador do Centro de Agronegócio da Fundação Getúlio Vargas (FGV Agro) e embaixador especial da FAO para as Cooperativas



OS ÚLTIMOS dois meses foram pródigos em notícias – verdadeiras, inventadas ou estúpidas – que criaram dificuldades para a competitividade da nossa agropecuária.

E é essencial separar as mentiras da verdade nesse cipoal de desinformações recentes:

- Incêndios na Amazônia: houve um pequeno aumento em 2019 sobre a média dos últimos quinze anos. Contudo, os produtores rurais são radicalmente contrários a queimar qualquer bioma e exigem ações mais concretas dos governos para combater a prática. O aumento dos focos deu-se pela excessiva seca e por muito calor na estação, o que sempre ocorre entre junho e setembro, além de incêndios criminosos que não ficaram só no Brasil, mas aconteceram em outros países da Bacia Amazônica e em todas as regiões brasileiras, aí incluídos trágicos incidentes no Pantanal e até nas regiões produtoras de cana-de-açúcar e de pastagens. O calor no Sudeste também foi insuportável.
- Desmatamento na Amazônia: essa prática caiu 72% de 2004 até este ano, mas houve um ligeiro acréscimo nos últimos meses. De novo, os produtores profissionais e suas entidades de representação têm manifestado reiteradamente sua posição frontalmente contrária ao desmatamento ilegal em qualquer região do País. Além disso, eles anseiam pelo cumprimento do nosso rigoroso Código Florestal, ainda não completamente implementado por ações que tramitam no Judiciário. E, agora, houve um avanço com a aprovação na Câmara dos Deputados de um Projeto de Lei (PL) que institui o Pagamento por Serviços Ambientais (PSA). De novo, não são os produtores profissionais os responsáveis pelo desmatamento, e sim outros agentes, provavelmente ilegais.
- Defensivos agrícolas: esse tema já está mais esclarecido, e é sabido que o nosso País é o sexto colocado mundial no uso de quilos por hectare, atrás de Holanda, Japão, Bélgica, França e Inglaterra. Explica-se: fazemos duas ou até três safras por ano, enquanto os países do hemisfério Norte fazem só uma. E as pragas e as moléstias tropicais são mais agressivas e em maior número do que as dos países de clima temperado. A questão levantada agora é que o País está registrando moléculas novas de defensivos em muito maior quantidade do que nos anos anteriores. É verdade, mas também é verdade que, nos anos passados, uma molécula demorava três ou quatro vezes mais anos para ser aceita, o que nos deixava defasados tecnicamente em relação aos nossos competidores. De três anos para cá, isso mudou, para tirar o atraso, mas sempre com maior rigor nas avaliações de risco.

Esses temas todos foram objeto de amplificação exagerada no noticiário interno e, também, no internacional. E isso teve reflexos negativos, até mesmo quanto a questionamentos sobre a sustentabilidade da nossa produção agropecuária, fato que já teve algumas consequências no comércio internacional: alguns produtos nacionais, como o couro, deixaram de ser importados por certas empresas. E pode haver desdobramentos para outros produtos, além de servir de argumento para interessados em não implementar o acordo comercial entre o Mercado Comum do Sul (MERCOSUL) e a União Europeia (UE).

Já passa da hora de fazer uma campanha institucional mostrando a verdade, mesmo que seja necessário mostrar que existem erros não cometidos por produtores rurais e que estamos comprometidos a corrigir todos. ■

“...não são os produtores profissionais os responsáveis pelo desmatamento, e sim outros agentes, provavelmente ilegais.”